



# COMUNICAÇÃO MADIÁTICA.

ISSN: 2236-8000

v. 21, n. 1, p. 214-219, jan.-jun. 2026

## Infância autista, telas e pertencimento no cotidiano digital

*Infancia autista, pantallas y pertenencia en la vida digital cotidiana*

*Autistic childhood, screens and belonging in digital everyday life*

**Thiago Perez Bernardes de MORAES**  
Centro Universitário Campos de Andrade  
E-mail: thiagomoraessp@hotmail.com

## RESUMO

A resenha analisa criticamente *Kids across the spectrums: growing up autistic in the digital age*, de Meryl Alper, tomando a obra como ponto de partida para discutir infância autista, cultura digital, mediação tecnológica e reconhecimento social. O texto desloca o debate das telas como ameaça moral para uma leitura comunicacional e sociológica das formas pelas quais crianças autistas constroem pertencimento, vínculo, regulação emocional e expressão no cotidiano digital. A análise aproxima a obra da realidade brasileira, com atenção à escola, à família, às desigualdades de acesso, às políticas públicas e aos desafios concretos da inclusão no Brasil e em São Paulo.

**Palavras-chave:** *Infância Autista; Autismo; Telas; Digital.*

## RESUMEN

La reseña analiza críticamente *Kids across the Spectrums: Growing Up Autistic in the Digital Age*, de Meryl Alper, tomando la obra como punto de partida para discutir la infancia autista, la cultura digital, la mediación tecnológica y el reconocimiento social. El texto desplaza el debate sobre las pantallas como una amenaza moral hacia una lectura comunicacional y sociológica de las formas en que los niños autistas construyen pertenencia, vínculos, regulación emocional y expresión en la vida cotidiana digital. El análisis acerca la obra a la realidad brasileña, con especial atención a la escuela, la familia, las desigualdades de acceso, las políticas públicas y los desafíos concretos de la inclusión en Brasil y en São Paulo.

**Palabras-clave:** *Infancia autista; Autismo; Pantallas; Digital.*

## ABSTRACT

The review critically analyzes *Kids across the Spectrums: Growing Up Autistic in the Digital Age*, by Meryl Alper, taking the book as a starting point for discussing autistic childhoods, digital culture, technological mediation, and social recognition. The text shifts the debate away from viewing screens as a moral threat toward a communicational and sociological reading of the ways in which autistic children construct belonging, social bonds, emotional regulation, and expression in their everyday digital lives. The analysis relates the book to the Brazilian context, with particular attention to schools, families, inequalities in access, public policies, and the concrete challenges of inclusion in Brazil and São Paulo.

**Keywords:** *Autistic childhood; Autism; Screens; Digital.*

**Resenha de:** ALPER, Meryl. **Kids across the spectrums: growing up autistic in the digital age.** Cambridge, Massachusetts: The MIT Press, 2023. 320 p. ISBN 9780262374002.

Há livros que valem menos pelo tema anunciado na capa do que pela correção que impõem ao vocabulário com o qual falamos do próprio tema. *Kids across the spectrums*, de Meryl Alper (2023), pertence a essa categoria. À primeira vista, trata-se de uma obra sobre crianças autistas crescendo na era digital. Em leitura mais detida, o livro faz algo mais incômodo: desmonta a facilidade com que famílias, escolas, clínicas, jornalistas e pesquisadores atribuem à tecnologia aquilo que muitas vezes nasce da precariedade dos vínculos sociais disponíveis para a criança autista. A tela aparece como problema antes mesmo de ser descrita como prática cotidiana. Quando essa criança repete vídeos no celular, joga, prefere conversar por mensagem ou encontra conforto em uma sequência audiovisual previsível, a explicação rápida costuma vir pronta: excesso de tela, isolamento, fuga do mundo real. Alper (2023) obriga o leitor a desconfiar dessa pressa.

A força da obra está no modo como desloca o eixo da discussão. O ponto de partida é a crítica ao velho fantasma da criança autista como “menino mecânico”, imagem que atravessa a história cultural do autismo desde a narrativa de Bettelheim, retomada por Alper (2023), e reaparece na suposição de que sujeitos autistas teriam afinidade natural com máquinas, códigos, robôs e telas. A pesquisa de Alper (2023), construída por investigação qualitativa com crianças autistas e suas famílias nos Estados Unidos, mostra outra coisa. O uso de mídia digital não se explica pelo diagnóstico sozinho. Depende de classe, gênero, raça, segurança do bairro, oferta escolar, disponibilidade familiar, acesso a serviços, sensorialidade, amizades possíveis e formas de reconhecimento. Daí a importância da ideia de socialidade sociotécnica: a criança autista nem sempre entra no digital para abandonar a relação humana; muitas vezes, usa o digital para tornar a relação menos agressiva, menos opaca, mais previsível ou finalmente praticável.

É nesse ponto que o livro conversa com o Brasil de maneira direta. A cena pode ser São Paulo, numa sala de espera barulhenta, num ônibus ou metrô lotado, numa escola particular que aceita a matrícula sem reorganizar sua rotina, numa escola pública que acolhe melhor e opera no limite, ou numa família paulista que descobre o diagnóstico depois de anos de peregrinação. O Censo Demográfico de 2022 identificou 2,4 milhões de pessoas diagnosticadas com transtorno do espectro autista no país (IBGE, 2025). Na capital paulista, a rede municipal registra mais de 24,5 mil estudantes com autismo, cerca de 65% do público da Educação Especial (São Paulo, 2026), enquanto o Censo Escolar de 2024 mostrou

aumento de 44,4% nas matrículas de estudantes com TEA na educação básica brasileira (Brasil, 2025). Esses números não resolvem o problema, mas mudam sua escala. Autismo tornou-se tema de escola, comunicação pública, políticas de cuidado, aplicativos, redes de mães, judicialização, transporte, lazer e vida comum.

A leitura de Alper (2023) ajuda a separar presença de pertencimento. A matrícula diz pouco sobre o tipo de comunicação que a criança encontra na escola. Pode haver presença estatística e ausência relacional. Pode haver inclusão documental e exclusão sensorial. Pode haver tecnologia educacional e uma pedagogia incapaz de compreender que uma criança aprende melhor por interesse específico, organiza o dia por repetição, precisa de aviso prévio para mudanças e talvez participe de uma conversa sem olhar nos olhos. Esse argumento encontra afinidade com Mialichi e Moreira (2025), quando analisam o impacto do entorno midiático na experiência acadêmica de estudantes autistas no ensino superior. Embora tratem de outra etapa da vida, as autoras tocam no mesmo nervo: tecnologias digitais podem ampliar acessibilidade, autonomia e participação, mas barreiras institucionais, comunicacionais e sensoriais continuam comprometendo a inclusão plena. A pergunta madura não é se a tela atrapalha ou salva. A pergunta é em que arranjo social a tela vira ponte, em que arranjo vira abandono e em que arranjo vira dispositivo de silenciamento do incômodo.

A dimensão pública da infância também importa. Marôpo e Jorge (2011), ao discutirem a exposição midiática de crianças e seus direitos, lembram que visibilidade e proteção nunca caminham sem tensão. O ponto é sensível no caso do autismo. A criança autista brasileira aparece cada vez mais em campanhas, reportagens, vídeos familiares, reels de conscientização e narrativas de superação. Parte dessa circulação produz reconhecimento. Parte aprisiona a criança em imagens previsíveis: o anjo puro, o gênio incompreendido, o fardo materno, o caso emocionante, a vítima exemplar. Alper (2023) oferece um antídoto contra esse repertório porque insiste na vida miúda: jogos, preferências, conversas, frustrações, irmãos, pais, interesses repetidos, amigados digitais, sensibilidades corporais. O livro não precisa transformar a criança autista em símbolo para levá-la a sério. Essa talvez seja sua maior elegância metodológica.

A crítica à obra está menos no que ela afirma do que no terreno em que se move. Sua base empírica estadunidense não permite transpor automaticamente conclusões para países marcados por desigualdade mais espessa, diagnóstico tardio, judicialização do acesso terapêutico, redes escolares heterogêneas e famílias que dependem de arranjos improvisados para atravessar o dia. Cabe ao leitor brasileiro fazer a dobra. Em São Paulo, a discussão sobre formação docente, apoio escolar, atendimento especializado e presença crescente de

estudantes autistas nas escolas mostra que a pauta já se institucionalizou, mas a institucionalização não é sinônimo de escuta. Como contribuição aos estudos de comunicação, *Kids across the spectrums* devolve complexidade a uma conversa empobrecida pelo moralismo sobre telas. Seu gesto é recolocar a criança autista no centro da análise como sujeito comunicante, corporal, situado e atravessado por desigualdades. A infância autista digital não é o contrário da vida social. Em muitos cotidianos, é uma das formas possíveis de alcançá-la.

## REFERÊNCIAS

- ALPER, Meryl. *Kids across the spectrums: growing up autistic in the digital age*. Cambridge: The MIT Press, 2023.
- BRASIL. Crescem matrículas de alunos com transtorno do espectro autista. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2025. Disponível em: <https://www.gov.br/mec/pt-br/assuntos/noticias/2025/abril/crescem-matriculas-de-alunos-com-transtorno-do-espectro-autista>. Acesso em: 7 maio 2026.
- SÃO PAULO (Município). Dia Mundial da Conscientização do Autismo: SME lança material inédito de reforço à educação inclusiva. São Paulo: Secretaria Municipal de Educação, 2026. Disponível em: <https://educacao.sme.prefeitura.sp.gov.br/noticias/>. Acesso em: 7 maio 2026.
- IBGE. Censo 2022 identifica 2,4 milhões de pessoas diagnosticadas com autismo no Brasil. Agência IBGE Notícias, Rio de Janeiro, 2025. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/43464-censo-2022-identifica-2-4-milhoes-de-pessoas-diagnosticadas-com-autismo-no-brasil>. Acesso em: 7 maio 2026.
- MARÔPO, Lidia; JORGE, Ana. Nascer para ser famoso? Os filhos de celebridades e seus direitos na mídia. *Revista Comunicação Midiática*, Bauru, v. 6, n. 1, p. 134-155, jan./abr. 2011.
- MIALICHI, Claudia; MOREIRA, Jaqueline Costa Castilho. Mídia e Inclusão: o impacto do entorno midiático na experiência acadêmica de estudantes autistas no ensino superior. *Revista Comunicação Midiática*, Bauru, v. 20, n. 1, p. 183-198, jan./jun. 2025. DOI: 10.5016/wtc2zg08.

## BIOGRAFIA DO AUTOR

### **THIAGO PEREZ BERNARDES DE MORAES**

Doutor e Pós-Doutor em Psicologia Social pela Universidad Argentina John Fitzgerald Kennedy, e Pós-Doutor em Direito

Constitucional pela Università degli Studi di Messina.

Professor titular e Coordenador Institucional de Extensão no Centro Universitário Campos de Andrade

(UNIANDRADE). Coordenador de projetos pedagógicos do Instituto EDUTEA.

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-7128-4248>

***E-mail:*** thiagomoraessp@hotmail.com